

DEBATE: REALIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Professores participantes: Ana Cristina Arantes

Ephigênia Sáes Caceres

João Paulo Subirá Medina

Néli da Silva Mendonça

Roseli Fischmann

Platéia: Prof. Medina e Profa. Ana Cristina, nas suas opiniões, qual a função do professor de Educação Física na escola?

Prof. Medina: Vejo que esta questão não pode ser respondida de uma maneira simplista, pois envolve justamente a questão da produção do conhecimento. Este projeto no qual a Prefeitura está envolvida hoje, projeto de interdisciplinariedade, está sendo de uma riqueza extrema neste sentido, porque está mudando um pouco o eixo, aquele eixo original de preocupação do professor de Educação Física. Acho que foi bastante interessante a fala inicial do Prof. Guilmar, que tentou de certa forma buscar pistas para essa resposta. É ainda um campo aberto, não havendo consenso em relação a isso, mas o que está muito claro para mim hoje é, respondendo objetivamente a pergunta, que essa função social do professor de Educação Física tem que estar muito presente no 1o. e 2o. graus. A questão do conteúdo propriamente dito, suscita uma gama de considerações e abordagens, mas eu vejo que o professor de Educação Física tem que reaprender a sua função. Não há uma resposta pronta para isso, ele vai responder à medida em que se abrir para outros conhecimentos, os quais permitirão que execute sua tarefa adequadamente.

Profa. Ana Cristina: Não me cabe responder a função do professor de Educação Física no 1o. grau, já que meu trabalho é voltado ao curso profissionalizante. Partindo dessa premissa, acredito que o professor de Educação Física deve capacitar o aluno profissionalmente e isso seria através da sua especificidade de função e de conteúdo; ele precisaria implementar o conteúdo, suscitar discussões, levar produção de conhecimento, ampliar o senso e espírito crítico de cada aluno. Não só como se tem feito, "despejar conteúdo", mas trocar idéias e crescer com o aluno e fundamentalmente fazer desse um indivíduo ajustado e crítico. Dentro disso, o professor deveria verificar o que significa tudo isso que no meu entender, é aumentar o espírito crítico, trocar idéias com o aluno dentro dos conhecimentos de Educação Física Infantil.

Prof. Medina: Só complementando essa questão, gostaria de tecer uma consideração, talvez mais objetiva do que antes. Há hoje, ou sempre houve através da história, uma cultura corporal que tem que ser apropriada pelo professor de Educação Física, e que tem que ser entendida melhor por ele. Essa cultura corporal, essa cultura esportiva tem que ser socializada. Acho que isso seja talvez a coisa mais específica que cabe ao professor que trabalha desde o primeiro grau e em todos os outros, tentar elaborar essa questão da cultura corporal, esse conhecimento historicamente acumulado que temos hoje.

Platéia: O que a Secretaria de Educação através da CENP faz ou pretende fazer para que a Educação Física Escolar aconteça de forma adequada, isto é, qual a proposta que existe em termos de Educação Física Escolar? Pelo tempo de existência da CENP, acredito que exista uma filosofia que permeie a Educação Física por parte da equipe que atua nesta área. Como colocar em prática uma educação construtivista nesta realidade? Como se faz o seu trabalho dentro da CENP? Como isso tem contribuído para a Educação Física Escolar? Qual seria a perspectiva de promover cursos de especialização ou cursos de aperfeiçoamento aos professores?

Profa. Ephigênia: Quanto ao que faz uma equipe técnica dentro da CENP, diria que a CENP, não existe há tanto tempo. Existiam outros órgãos com outras siglas, só que dentro da Secretaria de Educação, principalmente a partir de 1977, é que criou-se uma equipe técnica de Educação Física. Até esta data, todos os outros componentes curriculares tinham mas a Educação Física não, e isto foi possível graças a um trabalho conjunto da USP e a Secretaria de Educação. Mormente, se vocês conhecerem um pouquinho da história da Educação Física, vão perceber também o porque até o governo de Laudo Natel a Educação Física não pertencia à Secretaria de Educação. Nós tínhamos toda a orientação técnica e pedagógica de uma outra secretaria que hoje se chama Secretaria de Esporte e Turismo. Na época também não tinha esse nome, era o antigo DEFE. Mas o que faz essa equipe técnica? O universo em que trabalhamos com os professores é muito grande e dependemos dessas políticas- para ser delicada nas expressões para conseguir atender ao universo da rede, que é muito grande. Seus poderes são

centralizados, porque as Delegacias de Ensino estão tentando também dar treinamento aos professores. Acho tudo isso realmente um paliativo que está se tentando fazer, porque esses cursos de 30 horas, quer dado pela Delegacia de Ensino quer através dos convênios que nós temos com as 3 Universidades Estaduais que trabalham diretamente conosco, e algumas particulares, são paliativos e não levam a nada. A própria Universidade deu uma parada com esses cursos porque nem o órgão central e nem a Universidade conseguiam controlá-los. Aqueles cursos que eram feitos em janeiro e fevereiro também eram desenvolvidos pela Universidade de acordo com as possibilidades dos professores, e a maioria dos cursos foi de acordo com aquele profissional que se dispunha a oferecer o curso, não havendo uma continuidade, uma avaliação ou um acompanhamento. Portanto, estamos investindo no nada, não há retorno. Como solucionar os problemas da Rede? Acho que só vamos solucionar o problema da Educação Física na Rede se realmente as 34, 35 ou 38 Escolas de Educação Física do Estado de São Paulo passarem a formar melhor seus profissionais. Visualizando a Educação Física a partir da Rede e dos professores, observamos que a nossa formação está muito aquém do problema principal na discussão junto às Universidades. Dentro da faculdade, vocês também não receberam informações sobre o construtivismo, e agora se fala numa linha de construção do saber. Como é muito mais difícil levar o aluno a construir o seu saber, precisamos trabalhar com uma metodologia de forma a deixar o aluno ser mais criativo ao invés daquela que costumávamos trabalhar, onde era fornecido um modelo pronto. Esta conduta foi introduzida na mudança de governo, governo democrático, há 8 anos. Na Secretaria de Educação, a dificuldade está sendo muito grande porque toda uma postura do profissional de Educação Física tem que ser mudada. Estamos encontrando dificuldade nesse tipo de trabalho, mormente que a reciclagem, a atualização que conseguimos fazer, abrange uma quantidade muito pequena de profissionais. A pergunta feita é muito ampla, envolve uma série de debates que também estamos procurando e tem um problema gravíssimo dentro do órgão central, ninguém quer ir para ele. Por que? Existe prejuízo monetário, o professor na escola trabalha hora de 50 minutos, enquanto no órgão central o trabalho envolve 8 horas corridas. Os profissionais não se interessam por esse tipo de trabalho, então há dificuldade muito grande em ter pessoal para atender o Estado todo, com 144 Delegacias de Ensino. Fiquei na CENP durante 3 anos, junto com outro professor, no momento estamos com 5 pessoas e são essas as dificuldades. Não acho que um órgão central conseguirá fazer tudo isso se não houver um trabalho nas bases, com o próprio professorado, e partindo dos espaços menores que são as Delegacias de Ensino, as oficinas pedagógicas etc., onde os professores se reúnam para estudar e se atualizar, porque se esperarmos o paternalismo de um órgão central... sinto muito, a dificuldade será muito grande.

Platéia: Como não ser repetitivo com a falta de material existente nas escolas?

Profa. Néli: A falta de material é gritante, realmente não só a falta de material como a falta de espaço físico também. Agora, o fato de ser não repetitivo está relacionado à prática pedagógica do professor, à sua criatividade na atuação frente a seus alunos, porque às vezes um grupo lhe dá uma resposta que uma outra turma não dá. Algumas vezes, é possível avançar bastante com uma série e com outra nem tanto, com o mesmo professor e dentro do mesmo conteúdo. Acredito que o trabalho deve estar de acordo com aquilo que o aluno está querendo aprender e tem condições, sendo necessário um diagnóstico da turma com a qual irá trabalhar, através de consultas aos alunos e também fazer com que esses alunos tenham aflorada a parte crítica e dando abertura para a criatividade dentro da aula de Educação Física, porque não podemos simplesmente esperar por este paternalismo como a Profa. Ephigênia disse ou que venha tudo pronto como falou a Profa. Ana Cristina. Algumas escolas têm quadra e material e o professor não está trabalhando, mesmo com o material à mão. Acho até grave colocar isso, mas nem sempre o material é resposta para uma boa aula.

Platéia: As tendências políticas é que determinam as linhas metodológicas? Como reverter este quadro? Será que não fica cômodo para o educador aceitar este quadro e por isso ele persiste? Por que razão o ensino brasileiro não acompanhou a evolução dos países mais adiantados e se manteve intacto até o momento? Foi vontade política dos nossos governantes ou alienação dos docentes das Universidades? Como seria a leitura do ser humano na sua integridade na avaliação em Educação Física?

Profa. Roseli: Cada pergunta rende uma tese: as tendências políticas, as tendências metodológicas... Eu diria que as tendências políticas determinam, em parte, a face da escola e não só a metodologia, porque esta face, está inter-relacionada com a parte administrativa e a própria vida dos alunos dentro da escola. É muito difícil dizer se há uma acomodação. Houve uma época, que Jorge Nagle chama de "otimismo pedagógico" e eu chamo "messianismo pedagógico", que corresponde à Primeira República, em que se acreditava que a educação poderia modificar tudo. Isto apresenta uma postura muito ingênua em que nós nos sentimos meio onipotentes, onde teríamos que ter forças para mudar. Na verdade, o movimento de mudança é o movimento de alguma coisa processual envolvendo os diversos aspectos da sociedade, onde a escola é um desses aspectos. Um outro ponto importante nessa discussão educacional é que, até por uma necessidade estratégica nossa, durante um determinado momento se apelou muito para a discussão política, tínhamos a necessidade disso, estávamos num governo autoritário. Hoje em dia, a discussão política é um passo importante, é um momento de reflexão, mas não pode esgotar nosso discurso educacional, pois existe uma especificidade do que se faz na escola, uma especificidade pedagógica e é para isso que se estuda, e trabalha. Com o aspecto político permeando, nós também não avançamos. A educação, no Brasil, passou por diversas fases do ponto de vista teórico, houve uma época em que foi muito enfatizada a parte psicológica, chamada psicologização do ensino, numa fase seguinte foi a sociologização, e agora é enfatizada a politização do ensino. Este processo é muito importante, mas novamente há o problema da integridade no trabalho com diversas áreas, dentro de uma especificidade. Por ser uma área transdisciplinar, são necessárias todas as contribuições, mas como incorporar isso tudo? Acho muito difícil analisar se o ensino brasileiro não acompanhou os países mais avançados por vontade política ou porque, na verdade, a história de cada povo, de cada nação, de cada estado, é a de cada um. A história do Brasil é muito conturbada, dentro dessa história, uma história de dependência, onde as influências políticas foram montadas em cima das oligarquias, em cima de um tipo de paternalismo até do Estado, donos nos estados, donos no poder. Ao invés dessa estruturação, a nossa escola tem uma história muito particular e que também não tem sido bem trabalhada ao meu ver. Temos 210 anos de jesuítas fazendo uma mesma proposta pedagógica num país que está agora, com quase 500 anos, nós tivemos mais de 200 anos de ensino religioso com a escola totalmente agregada à igreja católica. Essa agregação da igreja à escola criou certas peculiaridades, principalmente em torno do sagrado, a escola tem certos espaços sagrados que geraram certos dogmas. Quando saiu a parte religiosa, as teorias se implantaram como dogmas, houve, também, uma transferência de socialidade, e essa escola "leiga" não tem nem 100 anos. Essas são características muito específicas da nossa escola, eram amarrações porque a própria igreja tem uma estrutura milenar, essencialmente conservadora, burocrática, e são aspectos importantes que caracterizam a escola. Há todos os fatores sociais condicionando os fatores políticos, uma história de que um povo ignorante é um povo que se domina mais facilmente, contribuindo para conservar o poder nas mãos de alguns. Existe também, uma cumplicidade própria presente na organização da escola. É muito difícil, para mim, dizer como seria essa leitura do ser humano na sua integridade, seria algo muito unilateral, pois há uma ignorância minha na parte da Educação Física. Talvez seja necessário o trabalho em conjunto com aquelas pessoas que têm visto mais a parte racional, outros que têm visto mais a parte física. Como poderemos trabalhar em conjunto não é algo para alguém dizer sozinho.

Platéia: O senhor poderia dar um maior esclarecimento da sua visão pessoal sobre interdisciplinariedade? Quais são os objetivos? Não ficou claro quais os pressupostos do projeto de interdisciplinariedade. Gostaria que o senhor objetivamente esclarecesse o que significa, e qual a proposta da Secretaria de Educação? Quais as principais modificações que o novo projeto traz para a Educação Física? Qual será o encaminhamento desse projeto para que ele seja efetivado? Como o senhor vê a Educação Física enquanto componente do processo de formação da cidadania, do senso crítico dos alunos? O senhor concorda que a Educação Física está sendo "prepotente" em querer buscar isso no âmbito escolar, conforme foi dito? Fale um pouco mais sobre uma Educação Física crítica e não tão biologizante.

Prof. Medina: Tenho plena consciência que pouco falei sobre o projeto em si, realmente preferi fazer algumas considerações. Criou-se uma dinâmica interessante, embora tenha fugido desta questão. Mas, objetivamente, vou tentar sintetizar isto o mais rápido possível no que se refere à Educação Física. Primeiro, dizer o que eu entendo por interdisciplinariedade é uma questão fundamental. Dentro da nossa visão, nós não podemos cair na armadilha de tratar a interdisciplinariedade como a simples soma de disciplinas que estejam juntas a todo momento discutindo. Ela é mais do que isto, a grosso modo seria a interação, a produção de um outro tipo de conhecimento diferente da soma destas disciplinas. Com relação à Educação Física, dentro deste projeto, tentamos caracterizar bem o que estamos chamando de concepção positivista de Educação Física que, de certa forma, é muito das coisas que foram ditas aqui. Não haveria tempo de elencarmos isso aqui para aclarar mais, mas estou à disposição daqueles que queiram maiores detalhes. Temos até documentos elaborados com estas caracterizações, ainda fruto de um trabalho incipiente, mas que estamos prontos para colocar na mão de vocês. O nosso trabalho foi elaborado no sentido de tentar detectar, fazer uma radiografia do que chamamos desta concepção positivista funcionalista da Educação Física hoje, e ao mesmo tempo, construir aquilo que estamos chamando de concepção histórico-crítica da Educação Física. Concordamos com aquilo que o Prof. Guilmar disse, não é o foco central, não é o conteúdo da Educação Física trabalhar sociabilização ou a construção da cidadania, mas é parte fundamental do nosso trabalho. Isso não é o conteúdo de outras instâncias, é conteúdo para todas as instâncias e inclusive da Educação Física. Ao contrario, não tem sentido a própria prática corporal, a prática física, se ela não for para a construção da cidadania, dentro das diretrizes político-filosóficas que estamos construindo. Esta questão do paradigma, a qual gostaria de abordar um pouco na minha fala, é fundamental. Hoje se fala, por exemplo, em construtivismo. A própria Secretaria do Estado já está elaborando um discurso nesta direção e, ainda é um tema nebuloso porque, como a própria Profa. Ephigênia colocou, na prática ele é diferente, isto em todas as instâncias. A primeira coisa que fazemos quando queremos mudar é assumir um novo discurso, mas nem sempre a nossa prática está sintonizada com esse nosso discurso, e isso não é nenhum demérito, pois este processo ocorre com todos. Primeiro é elaborado um discurso e depois corremos para colocá-lo em prática. Estamos neste processo hoje na Secretaria, elaborando o nosso discurso e indo a campo, e através desta experiência prática, voltando para compor o nosso discurso. Acho que é esta a dialética que se estabelece e que dá riqueza e fundamentação à nossa prática.

Platéia: A Educação Física deveria ser repensada no âmbito escolar. Ela deveria ter como base, ser ministrada de 1a. a 8a. série, sendo optativa no 2o. grau, pois sabemos, devido à necessidade do aluno trabalhar, a Educação Física de 2o. grau praticamente inexistente. Parece que não há nada de bom na Educação Física, será inventado uma nova Educação Física? Em todos os relatos há uma preocupação com a Educação Física infantil, com uma mudança na história da Educação Física e com os profissionais, por que não a preocupação de haver uma continuidade desde a 1a. à 8a. série para não chegar em um 2o. grau com o professor repetindo os conteúdos? Considerando que o desenvolvimento motor tem como fase importante a faixa etária de 0 a 6 anos gostaria de saber se há uma legislação específica que envolva pré-escola e Educação Física.

Profa. Néli: Partindo de uma platéia que é da nossa área fico muito preocupada, com uma colocação desse tipo: deixar a Educação Física existir no 1o. grau e retirar no 2o. grau, ou a Educação Física é uma necessidade quer para a criança, para o adolescente e para o adulto, ou ela não é, ou este componente curricular serve para alguma coisa na nossa vida ou não serve. Esta colocação não é pertinente de forma nenhuma, o que é necessário é parar de ter leis e mais leis. Foram criados determinados "tabus" na Rede Estadual; o professor de Educação Física resolve dar aula fora do horário por 'n' motivos. Antigamente a aula era dada fora do horário para conseguir 50 minutos de aula, posteriormente, a aula passou a ser dada fora do horário porque o horário era feito de acordo com as necessidades pessoais. A Educação Física deve voltar para o quadro curricular normal do aluno e a legislação de dispensas deve desaparecer. Existem duas legislações que atendem a todos os componentes curriculares e as únicas que deveriam existir para a Educação Física são a lei 6202, que atende à gestante e a gestante tem dispensa de todos os componentes não só de Educação Física, e a segunda legislação específica é a 1044, que também dispensa o aluno de todos os componentes quando ele tem doenças

infecto-contagiosas, por medidas profiláticas, ou quando este aluno está acidentado e não pode se locomover. Por que existe na lei referente aos indivíduos acima de 30 anos e ao serviço militar? Precisamos pensar seriamente, ou a Educação Física traz algum benefício para o ser humano ou ela não traz nada. Quanto à pergunta que fizeram de pré-escola, se existe alguma legislação específica. Se o professor que trabalha na escola conhece um pouco da parte legal, sabe que acima do diretor da escola existe alguém (o supervisor), uma autoridade imediata para ser alertada contra a escola. Na escola particular, a supervisão é feita pelo Estado, só a Prefeitura tem o sistema de supervisão à parte e, em todas as escolas do Estado de São Paulo a supervisão é feita pelo Estado. A pré-escola é um curso à parte, não está dentro do sistema de ensino, o sistema de ensino é 1o. e 2o. graus. Quem trabalha Educação Física com a pré-escola é o professor de classe. A criança pré-escolar (pré-1, pré-2 ou pré-3), de pré 1 por exemplo, corresponde a de 4 anos de idade, a aula deve ser fora da sala de aula, em média 70%. Se o professor de Educação Física for responsável pela aula, ele deveria ficar 70% do horário da aula com ela, então é o professor de classe que trabalha com a Educação Física. Isso não é só no Brasil, é o professor polivalente que tem especialização para trabalhar. Por esta razão, a habilitação de 2o. grau para o magistério é muito importante para a formação deste profissional, porque ele está habilitado automaticamente, para trabalhar nas pré-escolas e sempre terá que trabalhar com Educação Física e Educação Artística também.

Prof. Medina: Talvez com relação ao tom trágico que foi colocado, suscitado pelos depoimentos colocados aqui, de que talvez não exista nada de positivo na Educação Física, acho que se ele tem uma certa seriedade, tem que se prender aos problemas que nós enfrentamos. Acho que todos aqui têm 'n' exemplos de coisas gratificantes que fazemos através da Educação Física, mas acho que a realidade hoje é meio trágica. Nós não podemos ficar aqui falando das nossas experiências más quando há tantas coisas que temos que superar. O tom negativo da pessoa, ao fazer a pergunta, me fez tecer este comentário.